

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO DISPOSITIVO FORMATIVO:
REFLEXÕES A PARTIR DO CURSO DE ARTES VISUAIS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - BRASIL**

*The supervised stage as an education factor: reflections from the Visual Arts Degree
of the Federal University of Roraima – Brazil*

SOUZA DA SILVA, Ivete¹; & LUGE OLIVEIRA, Vinícius²

Resumo

Este texto aborda a prática do Estágio Supervisionado na Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima (Brasil), da criação do Curso a sua organização do Plano de ensino, o planejamento para a atuação durante o Estágio, a relação entre “estagiário e professor regente” e as dificuldades encontradas pela ausência de professores formados em Artes nas escolas de ensino regular do Estado de Roraima. As questões levantadas têm como base autores como FREIRE (2010); ZABALA (2010), LIMA & PIMENTA (2012), além das legislações brasileiras vigentes para a formação de professores. As discussões e reflexões referentes ao ensino de arte em Roraima ainda são recentes e carecem de uma atenção por parte dos Gestores públicos, mas todas são fundamentais para o aprimoramento da prática docente em Arte no Estado, pois uma má formação docente poderá afeta toda uma comunidade a médio e longo prazo.

Abstract

This paper portrays the practice of Supervised Internship in the Degree in Visual Arts of the Federal University of Roraima (Brazil), from the creation of the Degree to its organization of the Teaching Plan, planning for the practice during the Internship, the relationship between “students and teacher regent” and the difficulties found by the absence of Arts teachers in the regular schools of the State of Roraima. The questions raised have based on authors such as FREIRE (2010); ZABALA (2010), LIMA & PIMENTA (2012), the Brazilian legislation for formation of teacher. The discussions and reflections regarding the teaching of art in Roraima are still recent and need attention from public administrators, but all are fundamental for the improvement of the teaching practice in Art in the State, as a bad teacher training can affect an entire community medium and long term.

Palavras-chave: *Ensino de Artes Visuais; Estágio Supervisionado; Formação de Professor; Universidade Federal de Roraima; Brasil.*

Keywords: *Teaching Visual Arts; Supervised internship; Teacher formation; Federal University of Roraima; Brazil.*

Data de submissão: Março de 2016 | **Data de publicação:** Setembro de 2017.

¹ IVETE SOUZA DA SILVA - Profa. Dra. Coordenadora do curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Roraima (CCAV/UFRR). Coordenadora dos Estágios Curriculares Supervisionados. Líder do Grupo de estudo e pesquisa CRUVIANA: Educação, Arte e Intercultura. BRASIL. E-mail: ivetesouzadasilva@yahoo.com.br

² VINÍCIUS LUGE OLIVEIRA - Prof. Ms. do curso de Artes Visuais Licenciatura (CCAV/UFRR). Vice-líder do Grupo de estudo e pesquisa CRUVIANA: Educação, Arte e Intercultura. BRASIL. E-mail: v_luge@hotmail.com

1. O Estágio Supervisionado no curso de Artes Visuais

O Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Roraima, estado de Roraima-Brasil, foi criado em 2009, conforme Resolução nº008/2009-CUni, sendo o primeiro curso no campo de Artes no estado de Roraima. A importância da arte como um dos princípios fundamentais para o desenvolvimento do ser humano e a obrigatoriedade de seu ensino nos currículos da educação básica é dado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) em seus artigos 3º e 26º inciso 2º, respectivamente. Recentemente a Lei nº 13.278/2016 altera o inciso 6º do artigo 26º, da Lei 9394/96, definindo as artes visuais, dança, música e teatro como as linguagens que constituirão o componente curricular referente a artes. Nesse sentido, a criação do curso está relacionada a políticas públicas de expansão das universidades, bem como a necessidade de cursos de formação de professores para a área de Artes no estado de Roraima.

Em sua organização curricular o curso possui três núcleos que abarcam suas disciplinas formando o grande Núcleo de fundamentação da formação profissional (CCAV PPP, 2014). São eles: Núcleo de Fundamentação; Núcleo de Desenvolvimento; e Núcleo de Profissionalização.

Os estágios supervisionados integram o Núcleo de Profissionalização os quais devem, conforme projeto pedagógico do curso (2014, p. 28), “embasar o aluno para o exercício do magistério, assim como para a criação de materiais para sua prática reflexiva e didática”. Ocorrendo de forma articulada com as disciplinas que compõem os demais núcleos, os estágios curriculares supervisionados iniciam no quinto semestre do curso, sendo composto por 4 (quatro) estágios que perpassam todos os níveis da educação básica e promovem a articulação entre escola e espaços culturais. O Estágio Curricular Supervisionado I é ofertado no quinto semestre letivo e tem como objetivo a “articulação entre o espaço escolar e as instituições/espaços culturais vinculadas ao campo das Artes a partir da elaboração de um Projeto de Mediação” (NORMATIVA DE ESTÁGIO, 2014); os Estágios Curriculares Supervisionados II, III e IV objetivam a inserção e regência dos discentes na educação básica respectivamente: na educação infantil e/ou anos iniciais do ensino fundamental; nos anos finais do ensino fundamental; e no ensino médio. Cada uma das quatro disciplinas possui carga horária de 100h, devendo estas contemplar, conforme Normativa do Estágio Curricular do Curso de Artes Visuais (2014), atividades de 30h de Orientação: que corresponde a discussão e fundamentação

teórica, bem como supervisão e elaboração de relatório de estágio; 50h de Planejamento: elaboração do plano de aula ou projeto de mediação a ser desenvolvido na regência do estágio curricular, a partir da inserção dos discentes no espaço do estágio; 16h a 20h de Regência: corresponde ao desenvolvimento do plano de aula ou projeto de mediação elaborado no item anterior. Embora haja uma distribuição das 100 horas correspondentes às disciplinas, os três momentos se interligam, ocorrendo de maneira articuladas.

O modo como está organizada a oferta e distribuição dos estágios curriculares supervisionados no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima, permite com que a prática do estágio não ocorra isolada das disciplinas teóricas, estando este integrado ao “corpo de conhecimentos do curso de formação de professores” (LIMA & PIMENTA, 2012, p. 55). Preocupação esta que vem permeando as discussões sobre o campo do estágio supervisionado como componente curricular nos cursos de licenciaturas. As pesquisadoras Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lima em seu livro *Estágio e Docência* (2012), tecem reflexões sobre a forma como os estágios supervisionados são dispostos nos currículos dos cursos de licenciaturas, que, muitas vezes, reforçam a compreensão de separação entre teoria e prática. Embora fosse possível a oferta do estágio curricular supervisionado somente a partir da segunda metade do curso³, no caso do Curso de Artes Visuais da UFRR, no 5º semestre da graduação, por exemplo, muitos cursos de licenciatura optam por manter essa disciplina nos semestres finais.

A prática do estágio configura-se como um importante dispositivo formativo que permite a inserção do futuro profissional em seu campo de trabalho, desafiando-o a estabelecer relações com o aporte teórico que vem sendo apreendido por este. Os referenciais teóricos, neste momento, irão lhe dar subsídios para interpretar o universo pedagógico de seu contexto de trabalho, e para que possa atuar no sentido da resolução dos problemas e/ou demandas encontrados. O estágio, conforme aponta Pimenta (1994) *apud* Lima e Pimenta (2012, p. 45),

³ A resolução nº 2 do Conselho Nacional de Educação/CP, de 2002 é clara sobre isso, quando impõe no inciso II, do seu artigo 1º, “400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso”. Ao passo que a resolução nº 2, do CNE de 2015 não faz menção quanto ao estágio acontecer apenas a partir da segunda metade do curso. Ela é explícita que as “400 (quatrocentas) horas dedicadas ao estágio supervisionado, na área de formação e atuação na educação básica, contemplando também outras áreas específicas, se for o caso, conforme o projeto de curso da instituição”. Diante da retirada da obrigação, os autores entendem que é evidente a mudança do entendimento quanto essa questão.

“(…) não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade transformadora da realidade. Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis”.

As vivências realizadas durante o desenvolvimento do estágio curricular supervisionado contribuem para a construção da identidade docente do futuro(a) professor(a), bem como, para a ressignificação da docência no caso daqueles que já são professores(as). Ser professor, como afirma Paulo Freire (2000) não se aprende em um determinado momento da profissão ou da vida, mas, sim, todos os dias quando nos voltamos sobre a nossa prática e refletimos sobre ela. E, a partir da reflexão feita buscamos melhorá-la teórica e epistemologicamente nossa prática. Nesse sentido, o estágio, conforme Lima e Pimenta (2012), pode configurar-se como possibilidade de reflexão sobre as práticas pedagógicas das escolas, e pode contribuir tanto para o estagiário (profissional em formação), quanto para a instituição escolar. Para tal é importante que o exercício do estágio curricular supervisionado envolva:

“(…) todas as disciplinas do curso de formação, constituindo um verdadeiro e articulado projeto político-pedagógico de formação de professores, cuja marca é alavancar o estágio como pesquisa. Poderá ocorrer portanto, desde o início do curso, possibilitando que a relação entre os saberes teóricos e os saberes das práticas ocorra durante todo o percurso da formação, garantindo, inclusive, que os alunos aprimorem sua escolha de ser professores a partir do contato com as realidades de sua profissão” (LIMA & PIMENTA, 2012, p. 56).

Teoria e prática não são ações que ocorrem de forma dissociadas no fazer humano. Elas ocorrem mutuamente. Uma influencia e determina a outra. Assim, quando pensamos a dimensão formativa da prática do estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciaturas, enquanto formadores, devemos estar atentos às implicações pedagógicas implícitas. O Estágio Curricular Supervisionado, não deve ser tratado como uma disciplina obrigatória no final do curso, que testa os conhecimentos adquiridos, ou, uma autorização do curso ao graduando para que este possa fazer uma participação prévia no seu futuro cenário de trabalho, como gratificação por ter obtido bom aproveitamento dos conteúdos estudados até então. Como um espaço de formação o estágio curricular requer a articulação de todas as áreas de conhecimento que envolvem o exercício da docência. Desde o domínio dos conteúdos específicos de sua área de atuação - neste caso Artes Visuais - como também, conhecimentos pedagógicos acerca da construção do processo de construção de conhecimento e das possibilidades didáticas para o planejamento e vivência desse processo.

O curso de Artes Visuais ao distribuir as quatro disciplinas de estágio curricular supervisionado ao longo do curso, e, também, ao possibilitar com que o futuro docente em artes visuais possa conhecer todos os níveis da educação básica, está atuando numa perspectiva facilitadora da construção do estabelecimento de relações entre teoria e prática. Contribuindo para a formação de profissionais inquietos e curiosos intelectualmente, que possam ser investigadores e (re)construtores de sua própria prática.

No entanto, ao pisar no chão da escola “nem tudo são flores”, como diz nossa vã filosofia popular. Muitos são os desafios encontrados e vivenciados pelos estagiários e por seu formador – o supervisor de estágio. Desde o acesso a escola para a realização do estágio, até a tão esperada, e para alguns, temida, regência de sala de aula. Aqui nestes escritos, trataremos de algumas dimensões que têm provocado inquietações nos estagiários do curso de Artes Visuais. Vale lembrar que estas foram identificadas e/ou selecionadas com base nas orientações de supervisão de estágio realizadas por nós nas diferentes disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Artes Visuais. São emoções, encontros e desencontros que perpassam toda a formação deste futuro profissional que é o estagiário.

2. Inserção, planejamento e regência: aprendendo a ser professor

É chegada a hora do estágio curricular! Momento em que o profissional em formação entrará em contato, muitos pela primeira vez, com o seu futuro espaço de trabalho: a escola. É claro que todos nós conhecemos a escola e temos experiências para contar sobre nossa passagem nela. No entanto, estar na escola como professor, não é o mesmo que estar como aluno, e configura-se então, um desafio para o estagiário. O desafio inicia-se na própria busca pela escola que irá lhe receber para o desenvolvimento do estágio. A procura da escola passa pelo contato com as secretarias de educação estadual ou municipal, onde é verificado se o convênio estabelecido entre estas e a universidade está em vigência; e pela disponibilidade da escola em receber o estagiário. Após é elaborado o termo de seguro do estágio e carta de encaminhamento para que o estagiário inicie suas atividades na instituição de ensino.

Inicialmente o estagiário realiza a inserção no espaço escolar, que tem o objetivo de conhecer a escola e seu contexto, bem como, definir, em consenso com a gestão da escola, a turma em que será desenvolvida sua prática educativa. Ao ter definida a turma o estagiário começa a acompanhar o trabalho da professora regente. Este caracteriza-se como um momento de investigação onde devem ser identificados os conteúdos e atividades desenvolvidas com a turma até o momento; as curiosidades e interesses da turma em relação ao ensino de artes visuais; as experiências artísticas vivenciadas por eles, tanto no âmbito escolar como fora dele. Tais elementos darão subsídios para que o estagiário possa planejar a sua prática educativa dentro da escola e com a turma escolhida.

Planejar significa definir objetivos e traçar caminho(s) a ser(em) percorrido(s) para sua realização. O planejamento, como afirma Vasconcellos (2010) é uma atividade que faz parte do ser humano, e está presente em várias instâncias da vida. Mas, qual o sentido de planejar? E qual o sentido de planejar a atividade docente? Eis um dos grandes desafios do ser professor!

Assim como nas demais instâncias da vida, o planejamento docente exige intencionalidade. Ninguém planeja nada sem ter a clareza do lugar aonde se quer chegar. Mesmo que o caminho seja modificado ao longo do percurso é preciso saber para onde se quer ir. É a intencionalidade que nos indicará as direções possíveis. O planejamento, como afirma Vasconcellos (2010, p. 41) “é político, é hora da tomada de decisões, de resgate dos princípios que embasam a prática pedagógica.”. O ato de planejar, segundo o autor, é para o professor, um momento de produção de teoria, de produção da sua teoria. É neste momento que o professor sistematiza o conhecimento teórico de sua área, os conteúdos a serem ensinados e as atividades que possibilitarão a aprendizagem dos mesmos pelos educandos. No entanto, para que seja possível o estabelecimento dessa relação, faz-se necessário que o professor, para além do domínio dos conteúdos de sua área de atuação, considere o contexto social e cultural em que estão inseridos os seus educandos. Paulo Freire ao dissertar sobre os saberes necessários à prática educativa aponta que:

“(…) meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo *a* ou *b*, não é apenas o de me esforçar para, com clareza máxima descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno fixe. Meu papel fundamental ao falar com clareza do objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebe-la, na íntegra de mim” (FREIRE, 2010, p. 118).

O exercício proposto por Freire exige um conhecimento sobre a realidade do educando e de seus saberes, para que partir dele o professor planeje a sua prática. O planejamento precisa se aproximar da realidade concreta da escola e dos alunos, bem como das necessidades de mudança daquele contexto para facilitar o processo de ensino aprendizagem.

Nesse sentido, a atividade de inserção na escola campo, desenvolvida durante a disciplina de estágio curricular supervisionado, possibilita ao estagiário aproximar-se da realidade da escola e dos alunos, para assim, planejar sua ação docente de forma, minimamente, contextualizada. Aprender a profissão docente no estágio supervisionado como afirma Lima (2012, p.111),

“(…) supõe estar atento às particularidades e às interfaces da realidade escolar em sua contextualização na sociedade. Onde a escola está situada? Como são os alunos? Onde moram? Como é a comunidade, as ruas, as casas que perfazem as adjacências da escola? Que fatores explicam a constituição dessa escola e dessa comunidade? Quais seus problemas e características e como interpenetram na vida escolar? Quais os determinantes históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais dessa realidade?”.

A observação desses fatores iniciados no momento de inserção do estagiário na escola campo, para a elaboração do seu planejamento, não deve se esgotar nela. O conhecimento e reconhecimento da realidade do educando, e conseqüentemente, a definição da prática pedagógica do profissional em formação, deve perpassar todo o tempo de vivência do estágio curricular. O planejamento deve servir para orientar a prática, nunca para engessa-la. Por isso a importância de ter clareza dos objetivos propostos e de avalia-los durante o desenvolvimento da ação pedagógica. A prática educacional conforme afirma Zabala (2010), é constituída por inúmeras variáveis, sendo o planejamento e a avaliação dos processos educacionais elementos indissociáveis da ação docente. Para o autor:

“(…) a própria intervenção pedagógica, nunca pode ser entendida sem uma análise que leve em conta as intenções, as previsões, as expectativas e as avaliações dos resultados. Por pouco explícitos que sejam os processos de planejamento prévio ou os de avaliação da intervenção pedagógica, esta não pode ser analisada, sem ser observada dinamicamente desde um modelo de percepção da realidade da aula, onde estão estreitamente vinculados o planejamento, a aplicação e a avaliação” (ZABALA, 2010, p. 17).

A intervenção pedagógica, conforme afirma Zabala (2010, p. 17), “tem um antes e um depois que constituem as peças substancias em toda prática educacional”, portanto é importante que a avaliação esteja presente durante todo o percurso desta. Assim, a prática planejada pelo estagiário em seu momento de inserção, vai se refazendo durante a sua experiência de regência, em um constante movimento de ação-reflexão-ação conforme orienta Paulo Freire (2010).

3. O professor da escola como formador de novos professores

Podemos afirmar que é consenso entre os autores que trabalham com o campo de estágio curricular, que a figura do professor (a) regente da disciplina contribui para a formação deste futuro profissional que é o estagiário. Em tese o(a) professor(a) regente é o profissional que reúne o conhecimento teórico específico da área e a experiência de construção de espaços de aprendizagem para promoção deste conhecimento. O professor regente, já errou e acertou várias vezes, já teve inúmeros momentos de reflexão sobre a prática, conhece o ambiente escolar e suas formas de funcionamento, tem experiência em elaborar planejamento, possui uma clareza maior sobre os conteúdos a serem trabalhados. É este profissional que vai acompanhar cotidianamente a prática desenvolvida pelo estagiário, que vai poder auxiliá-lo de forma mais imediata nos desafios e imprevisto do dia a dia. Conforme Lima (2012, p. 74)

“O papel formador do professor da escola de ensino fundamental e médio junto aos estagiários é de essencial importância. Esses profissionais, em seu trabalho solitário, muitas vezes se apoiam nos estagiários, e assim, estabelecem com eles uma relação de troca, que favorece o diálogo sobre o ensinar e o aprender a prática profissional, ao mesmo tempo em que assumem seu papel formador de novos professores”.

A relação entre estagiário e professor regente é uma relação de troca e de aprendizagens. Da mesma forma que o estagiário pode contribuir para a ressignificação de práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor regente, ele também aprende com este profissional, por meio da observação de suas práticas e do compartilhamento de experiências. No entanto, nem sempre é possível o estabelecimento desta relação, ou, para melhor dizer, nem sempre o estabelecimento desta relação ocorre de forma tão harmônica ou simétrica assim. Dito de maneira geral - considerando as diferentes áreas de licenciatura - muitas vezes a escola ou o professor regente da turma, não vê no estagiário um parceiro, mas, sim, alguém detentor de saberes teóricos provindos da cátedra da

universidade, mas ainda distante da prática e da realidade. Não raro, os estagiários ouvirem dos professores que os recebem a afirmação de que “na prática a teoria é outra”. No caso do campo de Arte, e em particular do estado de Roraima, os estagiários se deparam com outra realidade: os professores que trabalham com o ensino de arte não possuem formação na área. Conforme apontam Silva e Baptaglin (2015, p. 856), ao dissertarem sobre *O ensino e a formação de professores de artes em Roraima*,

“(…) o Estado conta com apenas cinco professores com licenciatura na área, conforme dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2007), o qual aponta 393 professores atuando na área de artes sem formação superior e 172 sem formação específica”.

Ao adentrarem o espaço escolar para o estágio curricular supervisionado os estagiários sentem-se, muitas vezes, solitários. Ao mesmo tempo em que o estágio significa para eles uma etapa conflituosa de sua formação onde sua capacidade de articulação entre teoria e prática é testada, e a experiência do professor regente é importante para a superação desse processo; o professor atuante no ensino de arte vê no estagiário alguém que irá lhe ensinar a dar aula de arte. A presença do estagiário na escola é vista pelo professor regente como uma oportunidade de aprimoramento da sua prática docente. Dessa forma, o estagiário cumpre o papel de formador, invertendo a relação apontada por Lima (2012), já mencionada nestes escritos. O professor regente não se percebe como “formador de novos professores”, mas, sim, como aprendiz.

Este cenário se configura em mais um dos tantos desafios apresentados à formação do professor em artes, e em artes visuais de forma particular, no estado de Roraima. Um desafio que para ser percorrido, depende de uma conjuntura que vai além da escola e da universidade, passando pelas políticas públicas educacionais e o cumprimento das mesmas pelas secretarias de educação do estado e de seus municípios.

4. O estagiário e o supervisor de estágio

A relação entre o estagiário e o professor supervisor do estágio curricular obrigatório constitui-se a nosso ver em mais uma das dimensões que devem ser tratadas ao pensarmos a formação do licenciando. Muitos estagiários veem a figura do supervisor de estágio como alguém treinado para apontar suas falhas e, não, como um parceiro que irá orientar a sua prática de ensino e auxiliá-lo na resolução de conflitos. Essa preocupação não é apenas nossa. É também apresentada por muitos professores que trabalham com supervisão de estágio, nas diferentes regiões do país. Tal afirmação pode

ser confirmada por Lima e Pimenta (2012, p. 114), em suas pesquisas realizadas sobre o campo do estágio, onde as autoras apontam, fundamentadas em Chaves (1999), que uma das maiores preocupações referente à ação supervisionada do professor de prática do ensino é “desmistificar os tons de autoritarismo que marcam a expressão *supervisão*”.

Ao tecer tal discussão, as autoras abordam os desafios enfrentados, pelos professores responsáveis pela disciplina de estágio supervisionado, para o rompimento dessa concepção. Entre as tentativas de rupturas desenvolvidas está a mudança de nomenclatura da disciplina “Estágio Supervisionado” para *estágio reflexivo*, ou *prática reflexionada*, por exemplo. O professor citado na pesquisa apresentada pelas autoras, aponta para o fato de que o estágio caracteriza-se mais como interação do que intervenção. Visto dessa forma, na experiência do estágio curricular “professores-alunos e professor de estágio também atualizam seus conhecimentos acerca da profissão docente” (LIMA & PIMENTA, 2012, p. 115).

É certo que o termo supervisão nos remete a ideia de controle e superioridade de saberes, no entanto, acreditamos que o papel pedagógico do professor supervisor do estágio seja o de orientar a prática educativa. Direcionar o olhar estagiário no momento da inserção no campo de estágio, orientá-lo no momento de elaboração de planejamento, e auxiliá-lo na resolução das dificuldades enfrentadas. Fonseca (2003, p. 71, *apud* LIMA & PIMENTA, 2012, p. 195) afirma que:

“o professor (orientador de estágio), com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, faz com que o aluno não apenas compreenda, mas assimile, incorpore e reflita sobre esses ensinamentos e variadas formas”.

Nesse sentido, para o acompanhamento do estágio e do estagiário, é importante também a presença do professor orientador na escola e na sala de aula. Esse procedimento contribui para o enriquecimento da orientação dada ao estagiário, pois deixa o orientador mais próximo da realidade vivenciada por este, podendo assim compreender e auxiliar melhor suas dificuldades. No entanto, nem sempre há tempo disponível para o professor fazer esse tipo de acompanhamento e os motivos que os justificam são vários. Em nível de Brasil, e sem considerar uma licenciatura em específico, podemos citar o número elevado de estagiários por turma, que dependendo dos cursos ultrapassa 50 (cinquenta), como apontou Lima e Pimenta (2012, p. 194).

No que se refere ao curso de Artes Visuais, na UFRR – Boa Vista – RR, podemos afirmar que esta ausência de tempo se dá ao excesso de carga-horária de trabalho e atribuições que os professores necessitam assumir. Todavia corroboramos com a ideia de que este acompanhamento é importante para a qualificação das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado, abrindo espaço também para o fortalecimento da relação entre universidade e escola.

CONCLUSÕES

O estágio curricular supervisionado configura-se como um importante dispositivo formativo, proporcionando ao licenciando sua inserção no campo de trabalho, todavia, como foi possível perceber ao longo destes escritos, há muitos desafios a serem superados. As discussões referentes ao ensino de arte no estado de Roraima ainda são recentes e carecem de uma atenção por parte do estado e seus municípios, bem como, da universidade. Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº 9394/96) reconheça a importância da arte para a formação integral do ser humano e garanta a obrigatoriedade do ensino de arte e suas linguagens (artes visuais, dança, música e teatro) no currículo da educação básica (lei nº 13278/2016), este direito não nos é garantido. A realidade que temos é um quadro de profissionais sem formação específica atuando na educação básica; ausência de concurso público específico para a área de arte e suas linguagens; e necessidade de criação de cursos de formação de professores para as linguagens de dança e teatro, pois há no estado apenas os Cursos de Artes Visuais e Música, ambos da UFRR.

A realidade existente afeta a todos nós cidadãos roraimenses. Os professores que atuam sem formação e, portanto, são obrigados a lecionar dentro de uma área de conhecimento que não é de seu domínio; aos estudantes que recebem um ensino deficitário; e aos licenciandos que não tem um campo profissional consolidado, embora tenha uma demanda de mercado de trabalho muito grande.

Dessa forma, nossa intenção principal é, por meio destes escritos, trazer uma contribuição para o fomento das discussões na área de artes. Não pretendemos trazer expostas ou apresentar conclusões, mas, ao contrario, levantar perguntas por meio de nossas experiências. O curso de artes visuais formou 8 (oito) profissionais desde a sua criação, destes, 2 (dois) estão atuando na educação básica. Como diria o poeta espanhol Antonio Machado, “é caminhando que se faz o caminho”, e nós já iniciamos nossa caminhada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

CCAV (2014). *Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais*. Boa Vista: UFRR.

CCAV (2014). *Normativa de Estágio do Curso de Artes Visuais*. Boa Vista: UFRR.

FREIRE, P. (2010). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, P (2010). *Pedagogia da indignação: cartaz pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.

LIMA, M. S. L., & PIMENTA, S. G (2012). *Estágio e Docência*. (7ª ed). São Paulo. Cortez.

LIMA, M. S. L (2012). *Estágio e aprendizagem da profissão docente*. Coleção Formar. Brasília: Liber Livro.

SILVA, I. S., & BAPTAGLIN, L. A (2015). Políticas públicas e o ensino de artes: o contexto de formação e atuação docente em Roraima. *Diálogos* (Maringá. Online), 19(2), 849-870. doi: 10.4025/dialogos.v19i2.1081

ZABALA, A (2010). *A prática Educativa: como ensinar*. (Ernani F. Rosa, Trad.). Porto Alegre. Artmed.

VASCONCELLOS, C. S. (2010). *Planejamento: projeto de ensino aprendizagem e projeto político-pedagógico*. Cadernos pedagógicos. (21ª ed). São Paulo. Libertad.